

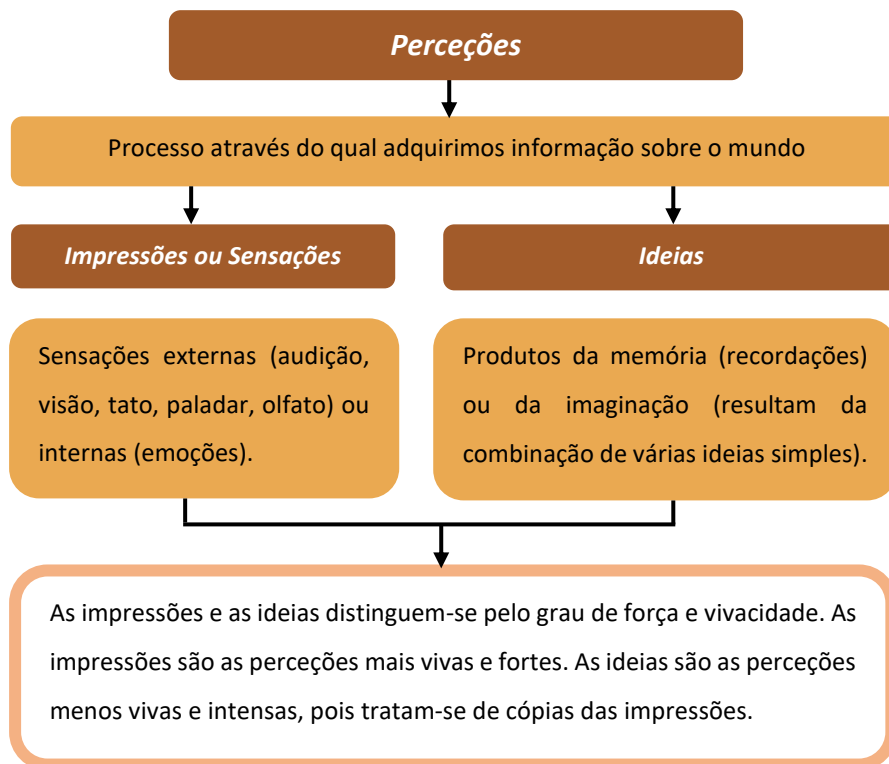
Epistemologia

Empirismo de Hume:

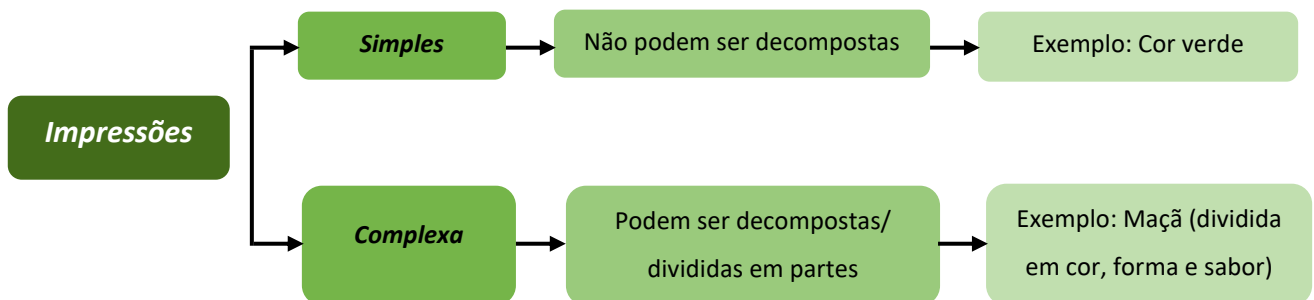
Tese: o conhecimento é possível e a experiência é a fonte de justificação última das nossas crenças.

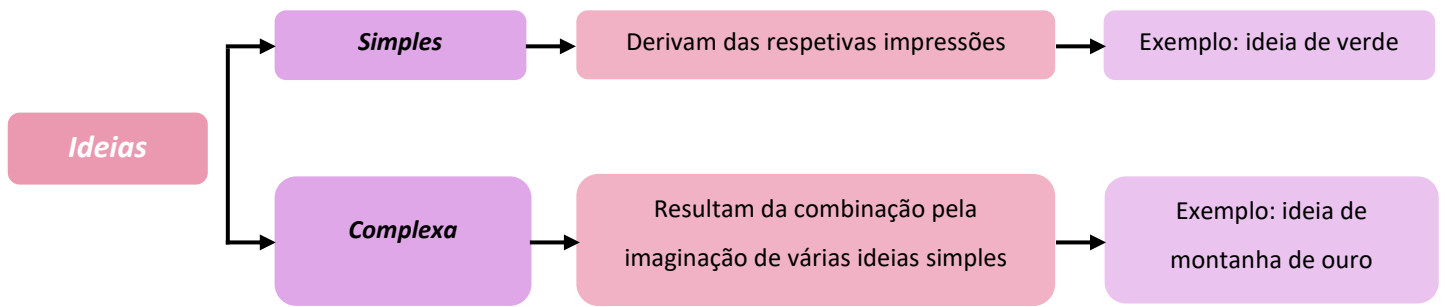


Assim, segundo Hume as **percepções** (que são tudo o que há na nossa mente) são o ponto de partida para o conhecimento.



Nota: segundo Hume todas as nossas ideias derivam de impressões, ou seja, não haveria pensamento sem sentidos e, por isso, não existem ideias inatas. Assim Hume defende o **princípio da cópia**, segundo o qual as ideias são cópias das impressões, não existindo ideias inatas



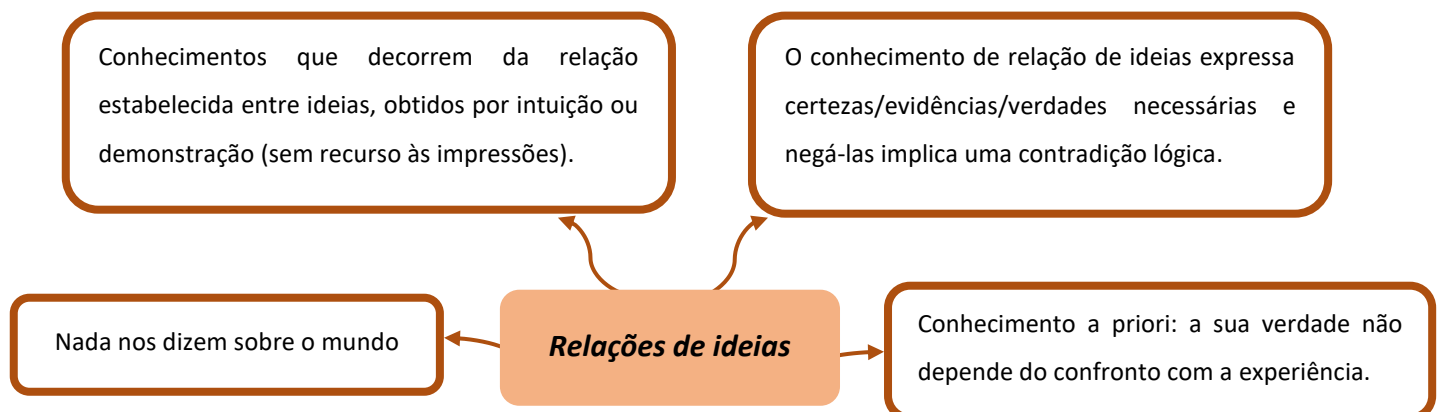
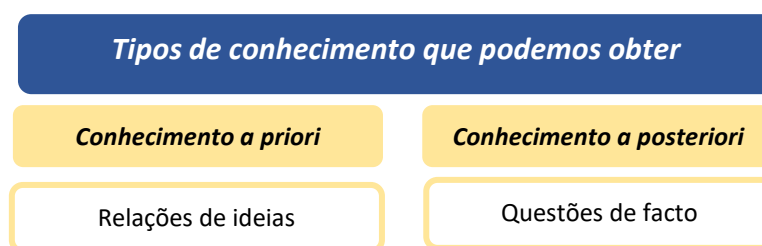


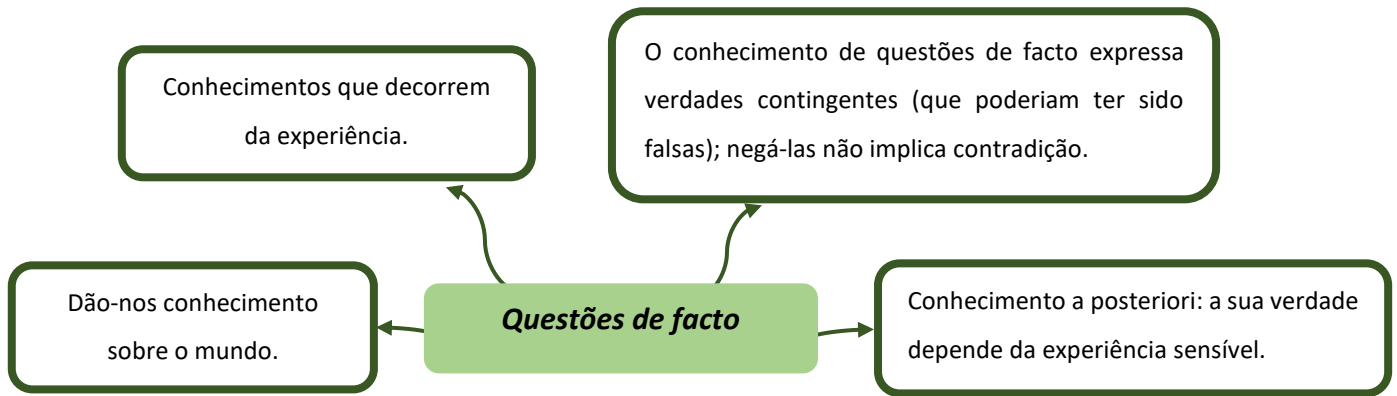
Associação de ideias:

- ✓ **Semelhança:** Se dois objetos se assemelham, a ideia de um conduz à ideia do outro.
- ✓ **Contiguidade no tempo e no espaço:** Se duas ideias são contíguas no tempo e no espaço, a consideração de uma lembra a consideração da outra.
- ✓ **Causalidade (relação de causa e efeito):** Consideração de dois objetos ou acontecimentos ligados, sendo um a causa e o outro o efeito.

Nota: Algumas ideias complexas resultam da conjugação aleatória de ideias simples pela imaginação, não correspondendo, por isso, à realidade e tratando-se apenas de ficções.

Relações de ideias e questões de facto:





Princípio da causalidade: princípio que defende que o acontecimento de algo é sempre precedido por uma causa e que existe uma **conexão necessária** entre uma causa e o seu efeito (conhecimento a priori).

Contudo, Hume defende que as causas e os efeitos não podem ser conhecidos pela razão. Hume considera que existe uma relação de causalidade entre os acontecimentos, mas que esta relação tem por base uma **conjunção constante** entre os fenómenos e não uma **conexão necessária** entre a causa e o efeito.

Assim, Hume considera que a causalidade consiste apenas na conjunção constante entre acontecimentos observáveis e que a **conexão necessária entre dois acontecimentos não é resultado de qualquer impressão**, pelo que só chegamos ao conhecimento da causa e do efeito quando descobrimos pela experiência que alguns objetos se combinam constantemente uns com os outros.

O que nos permite estabelecer a relação de causa e efeito?

Costume ou hábito: consiste na repetição de sequências causais que nos faz esperar que os acontecimentos futuros sejam semelhantes aos acontecimentos passados. É o costume ou hábito que nos permite estabelecer relações de causa e efeito, sendo por isso que se considera que o costume ou hábito é o **grande guia da vida humana**, permitindo-nos realizar raciocínios indutivos.

Que razões temos para pensar que o futuro será como o passado?

Princípio da uniformidade da natureza: pressuposto de que a natureza é uniforme e regular, comportando-se sempre da mesma maneira, e de que o futuro se assemelhará ao passado. Este princípio baseia-se e serve de base ao raciocínio indutivo, originando uma justificação circular que nada justifica.

Nota: o princípio da uniformidade da natureza não é uma lei objetiva, trata-se apenas de uma projeção sobre a natureza de uma uniformidade pressuposta pelo ser humano. Contudo, Hume considera que sem a crença na uniformidade da natureza e no hábito a vida seria caótica.

Relembra!!! Nos argumentos indutivos as premissas afirmam factos conhecidos (crenças sobre o mundo), a partir dos quais se pretende justificar uma nova crença mais informativa, ou seja, a conclusão apresenta informação nova que nos permite aumentar o conhecimento sobre a realidade.

O Eu: para Hume a ideia de eu resulta de um conjunto de impressões particulares que nunca experimentamos simultaneamente e que não permanecem, ou seja, a ideia de um eu imutável e permanente é uma ideia complexa produzida pela imaginação e que não passa de uma ficção uma vez que não temos a sensação de um núcleo de personalidade inalterável, ou seja, não temos uma impressão complexa que lhe corresponda.

A ideia de Deus: ideia complexa que resulta da nossa imaginação, que eleva ao máximo as qualidades de que temos impressão, reunindo-as para criar a ideia complexa de Deus. Como não existe nenhuma impressão que corresponda à ideia de Deus não podemos afirmar pela experiência a sua existência.

Mundo exterior: segundo Hume a coerência e constância de certas percepções fazem-nos acreditar que há coisas externas dotadas de existência contínua. Contudo, como só temos acesso aos conteúdos da mente (percepções), e a percepção de um objeto não deve ser confundida com o próprio objeto, não sabemos se o mundo exterior realmente existe ou não.

Ceticismo Moderado de Hume

Não rejeita a possibilidade do conhecimento, mas reconhece a imperfeição e os limites do entendimento humano. O conhecimento tem limite: a experiência.

A realidade reduz-se aos fenómenos e a crença na existência de algo para lá dos fenómenos carece de sustentação (**fenomenismo**).

As crenças na existência de um eu permanente, de Deus e do mundo exterior são racionalmente injustificadas.

Críticas ao empirismo de Hume

Princípio da causalidade

Segundo Hume a relação de causa-efeito reduz-se à observação de uma regularidade/ conjunção constante entre os fenómenos. No entanto, a conjunção constante é um critério necessário, mas não suficiente, para estabelecermos uma relação de causa-efeito entre dois acontecimentos (existem acontecimentos que se sucedem constantemente, mas que não são causa ou efeito um do outro).

Ceticismo e irracionalismo

Segundo Hume, o conhecimento depende das inferências causais e dos raciocínios indutivos que fazemos, mas nem a ideia de indução nem a ideia de causalidade podem ser justificadas pela razão ou pela experiência. Assim o ceticismo de Hume coloca em causa a pretensão humana à racionalidade e desvaloriza a razão, substituindo-a pelo hábito (inclinação natural sobre a qual a razão não tem qualquer poder).

Hume é assim acusado de ceticismo, irracionalismo e de não esclarecer devidamente o princípio de causalidade.

Nota: as ideias de Hume opõem-se fortemente às ideias de Descartes que defendia que a existência de um eu pensante e de Deus eram indubitáveis e resultado de intuições racionais (Hume descarta o argumento ontológico de Descartes, afirmando que não existe nenhum ser cuja existência esteja à partida demonstrada ou cuja não existência implique contradição – quando concebemos um ser como existente também o podemos conceber como não existente).

Estudar página 111 – Análise comparativa (Hume v.s. Descartes)